

Fernando Falcão Machado
Professor do Liceu Gil Vicente, de Lisboa)

6

Duas palavras

sobre a poetisa

Dulce de Montalvo

a apaixonada

barcelense)

Barceliana

C. M. B.
BIBLIOTECA MUNICIPAL
BARCELOS
N.º 13636

Revista
o Barcelense

SABADO, 16 DE MAIO DE 1938



134.3-1Montalvo

C

Fernando Falcão Machado
Professor do Liceu Gil Vicente, de Lisboa)

6

Duas palavras

sobre a poetisa

Dulce de Montalvo

apaixonada

barcelense)

Barceliana
C. M. B.
BIBLIOTECA MUNICIPAL
BARCELOS
N.º *13636*

Penha
Barcelense

SABADO, 16 DE MAIO DE 1958

Ms. 136
George
B. 1870
B. 1870



—= DULCE DE MONTALVO =—

N. R.—D. Maria do Carmo de Lima Bandeira Ferreira (Dulce de Montalvo), Barcelense muito ilustre e que tanto lutou pelo progresso da sua e nossa linda Terra—Barcelos—é merecedora de que a Ex.^{ma} Camara Municipal perpetue a sua memoria, dando-lhe o seu nome ao Jardim das Obras, como há 15 anos vimos lembrando.

Essa jovem, mas distinta Poetisa, que tão abruptamente foi ceifada ao convívio de sua querida Família e dos seus numerosos admiradores, escreveu em «O Barcelense» durante sete anos, sendo Directora das «Pagina Feminina» e «Pagina Literaria» que tanto brilho deram a este semanario.

Dulce de Montalvo, Poetisa e Escritora de relevo, além de ser colaboradora em grande numero de Jornais e Revistas portuguezes e brasileiros, escreveu «Vibrações da Vida», livro de versos; e com o também saudoso Escritor Carlos Sombrio, publicou a «Resignada» e tinha em preparação o livro—«Quilmeras».

S. Ex.^a tanto escreveu em verso como em prosa, e todos os seus Trabalhos eram muito apreciados nos meios literarios.

—Ao nosso Ex.^{mo} Amigo e ilustre Colaborador, Sr. Dr. Fernando Falcão Machado, probo Professor do Liceu Gil Vicente, de Lisboa, e distinto Escritor, agradecemos a honra que deu ao «Barcelense» publicando nas suas colunas tão brilhante Trabalho,

«O Brasil» "Dulce de Montalvo"

NÃO conheci, pessoalmente, Dulce de Montalvo e, da sua obra, só li *Vibrações da Vida*. E' com base nos poemas deste livro e na fotogravura que «O BARCELENSE», piedosamente, publica no aniversário da sua morte, que escrevo as desataviadas palavras que dedico à memória dessa criadora de beleza que foi D. MARIA DO CARMO DE LIMA BANDEIRA FERREIRA.

Olho para a fotogravura, baseada em artístico trabalho de Soucasaux: cabeça de tipo cerebral, mais larga na altura da testa, diminuindo para a parte inferior. Uma indiscutível intelectual.

Olhos sonhadores, tristes, impetrando piedade, e que devem espelhar a alma. Estes olhos são o de pessoa tímida contemplativa, introvertida, com o espírito mais atento ao que se passa no interior, no âmago de alma, do que ao que ocorre no exterior: não se dispersa—concentra-se.

Testa larga, ampla, denotando inteligência.

São estes os traços característicos da fotogravura e, na realidade, poucas vezes deve poder encontrar-se tão grande correspondência entre o físico e o espiritual, tão perfeito paralelismo psico-fisiológico.

Como tipo de beleza, Dulce de Montalvo definiu-se.

...se não sou feia não sou bela.

Que se passa no seu espírito?

Ela responde a esta pergunta:

Ando no mundo sem destino certo...

E meu olhar...

Reflete um sonho lindo que morreu.

A incerteza do seu rumo torna-a inquieta, ansiosa, não sabe bem de quê, a princípio mas, a pouco e pouco, vai-se definindo na sua alma o rumo que constituiu o seu ideal.

Os versos de Dulce de Montalvo não são dados. Mas, creio que podem localizar-se pela seguinte ordem, quanto a ideal:

Primeiro—o ideal é Deus:

Ando na vida em busca de ideal

Quem será o profeta—revelado

Que meu anseio tornará real?

Responde dentro de mim, a consciência:

Só Deus...



Depois, surgem novos sentimentos, de menor
aspiração mística mas não desejo de perfectibilidade:

Meu ideal, tão alto, tão perfeito

Só vejo qualidades que me negam

O que eu ambicionava possuir.

Mais tarde, esse ideal concretiza-se: em dado
momento, na busca do ideal, no mesmo soneto em
que prefere Deus, enumerara possíveis tipos de ideal:

O Pintor, o Filósofo, o Poeta,

O Gerador do Som ou o Esteta

Criador da Harmonia e da Beleza?

Mas, então, prefere Deus. Todavia, diluindo-se-
lhe o sentimento místico, o seu ideal torna-se mais
terreno mas, á sua sensibilidade afinada repugnam

...Néscios e torpíssimos senhores

Impantes de dinheiro e estupidez

E' este espírito requintado, hipersensível, ancio-
so de perfeição, harmonia, beleza, que vai entrar em
contacto com a vida e dela vai exaurir sensações que
serão outras tantas expressões de Beleza.

Estudarei algumas destas sensações.

Começaremos pela *paisagem*. Dulce de Mon-
talvo é sonhadora, não é observadora. E' contempla-
tiva, não é investigadora. Não *vê* a paisagem. Sen-
te-a mais ou menos confusamente, mas os seus olhos
estão voltados para o espírito e não para o exte-
rior: a paisagem é fruste:

Olho os longes, o horizonte,

E vejo, p'ra além do monte...

Ou

Cantam moçoilas pela estrada fora,

Do longe, geme a água numa nora,

E choram roxinois nos salgueirais.

Ou

Neste Minho dos descantes

Onde os modos verdejantes

Se matizam de lilazes

Ou

O Cruzeiro de granito,

Que fica a meio do adro,

Evi noutro tempo, bonito.

140



Mesmo, no soneto *Exortação*, a paisagem de Coimbra, coalhada de capas e batinas, de alegres e chistosos estudantes e de tricanas belas e ladinas, Rainha de montados e campinas, de conventos em dobres de matinas, do choupal dos rouxinois... dos poentes doirados—tudo isto é Coimbra, sem dúvida, mas é a Coimbra convencional das descrições.

Estamos longe de António Nobre ou de Sanches da Gama. Dulce de Montalvo, sente a paisagem mas, como não é do tipo visual, não a vê, nem sabe descreve-

-la com o poder impressionista dum Osório Verde ou dum Guerra Junqueiro, da *Lágrima*.

A segunda sensação é a do *Sufrimento*, o da Dor dos outros. É esta a lição que Dulce de Montalvo colhe do seu contacto com a paisagem social:

*Só a Dor é rainha soberana,
Só a Dor nos iguala e nos irmana
No mesmo abraço nobre e fraternal*

Ou

*Almas sem par, pobres almas
Buriladas pela Dor,*

Ou

*Os pobres—enteados da alegria—
Batidos pela chuva agreste e fria,*

Ou

*Dorsos humildes, p'ra que vos curvais?
Bocas famintas porque pedis pão?...*

Deste sofrimento, nasce um brado de revolta:

*Tanta torpeza neste mundo vão
Tanto egoismo nas almas dos mortais!*

Ou

*Os ricos esqueceram a Verdade,
Tomaram o egoismo por sua grei...*

E a esperança em Deus:

*Meu irmão caminheiro, tem coragem,
Se é difícil e rude esta viagem,
O repouso final será o Céu.*

Mas, não é só este aspecto social que influe a sensibilidade da poetisa. A vida calma e sã, que transparece em *Tarde na Aldeia* ou *No Minho* provam-no exuberantemente.

São, exactamente, as combinações da paisagem com este social pacífico, tranquilo, que originam a nova construção espiritual na alma de Dulce de Montalvo. A

16/12



ideia de Pátria, ideia viva, frémente, duma Pátria nobre, elevada, digna, erguendo-se para Deus, seu escopo final:

*Tem tradições sagradas
Que ressurgem do Passado*
.....

*Ama-se a Pátria, este solo
Abençoado e formoso*
.....

*Nas almas, há sentimento,
Nos lábios, uma oração*
.....

Os jovens rezam e cantam
.....

*Seus nobres antepassados
— Santos, herois e guerreiros —*
.....

*E tenho fé—fé inteira—
Que há de novamente, um dia,
Voltar à reza caseira,
—Padre-Nosso—Avé-Maria.*

Ou, ainda, no formoso soneto *Hereditariedade*, em que é mais profundo o nobre sentimento de Patriotismo, em que, a par dos nomes que ficaram na História—

... De Camões, de Albuquerque e de Cabral
não esquece os humildes e anónimos trabalhadores:

! Nossos avós

*Traçaram os caminhos que corremos;
Talharam no granito as duas mós,
Que moem este pão de que vivemos.*

O contacto com a vida deu a Dulce de Montalvo, ainda, outro sentimento: o da temporalidade, o decorrer do tempo, o passar das horas, e todos os seus sentimentos, de esperança e amor, de desespero e melancolia, são equacionados em função do tempo, que acaba por lhe gerar o tédio.

Este sentimento de temporalidade casa-se, embuta-se com o do amor e só pode compreender-se bem lendo a obra da poetisa, compreendendo os seus anseios e angústias, as suas vibrações de vida.

No entanto, evidenciamos em separado a temporalidade e o amor.

Se Dulce de Montalvo não vê a Paisagem, sente o Tempo:

Fenece a tarde...



*O sol vai esconder se, perecer,
Não tarda a noite a vir escurecer
A terra, o céu, o largo mar sem fim.*

Ou
*Novas boas e más, tantas passaram
Na minha vida...*

Ou
E vai passando a Tarde. Lentamente

Ou
Dá meio-dia ao longe, oiço-o chegar...

Ou
*A vida, meu amor, são estes dias
Que vão assim correndo, calmamente*

A vida...

E' o tempo que há-de vir e o que passou

Ou, ainda:

Teu nome é ladainha que repito

De manhãzinha, à noite, todo o dia

Este sentido da temporalidade, a percepção do tempo que se escoia, nem sempre célere, veloz, e que perpassa em muitos poemas de Dulce de Montalvo tem, como consequência, o tédio quando a alma sensível da Poetisa se esvaiou dum conteúdo que a encheu, deixando em seu lugar a dor ou a insatisfação:

*Eu sinto um tédio enorme e inclemente
Avassalar meus dias doloridos
Que passam, sem clarão de luz ridente
Num desfilar funéreo de vencidos*

*Tudo aborreço e nada me contenta,
Do tempo a marcha é enervante e lenta,*

Mas, realmente, onde Dulce de Montalvo vai atingir a maior expressão de beleza lírica é ao cantar o maior dos sentimentos que a vida fez surgir, mais no seu Coração do que no seu espírito: o Amor.

E' a grande experiência amarga daquela alma sensível, tímida, introvertida.



Dulce de Montalvo desperta para o amor. Supõe ter encontrado o seu ideal e ama-o em segredo:

*Chamo-te Amigo, Amor, p'ra mascarar
A afeição infeliz que, por ti sinto.
E quanto mais me escondo e mais te minto
Maior é meu tormento e meu penar.*

*Chamo-te amigo só e nada mais
Em frases bem corteses e banais*

*Mas meu olhar—espelho que não mente—
Mostra-te bem o que a alma sofre e sente,
—Diz-te em silêncio o muito que te quer.*

Ou

*Amando-te receosa, assim a medo,
Guardando com cuidado o meu segredo...*

Mas, este amor é descoberto e correspondido. Ela, então, sente a plenitude da felicidade—e o seu amor, a esperança do seu amor, o seu sonho de amor, é a contemplação, a quietitude, a tranquilidade, o platonismo:

Assim, teu olhar escuro

E' minha luz no Futuro...

Ou

*Sinto-me sup'rior a uma rainha
Quando apareces, quando tu me falas*

Ou

*Caminheiro detem-te: eu sou Aquela
Que nunca achou a vida boa e bela
E que passa os dias a esperar-te...*

Ou

*Eu espero por ti p'ra caminhar,
Bem juntos um ao outro a vida inteira.*

Ou

Gosto de ti sei lá como de quê!

*Gosto de ti por seres o meu eleito,
Por seres o ideal mais alto e mais perfeito
Que minha alma sonhou desde criança.
Gosto de ti por seres tu o escultor
Que fez a obra prima deste amor,
Cinzelando-a de fé e de esperança.*

Ou, então, no belo soneto *Recordando:*

Em uma noite linda de luar.

For numa noite de luar



*Teus olhos procuraram meu olhar.
E senti tua boca repousar,
Mas minhas mãos esguias, doloridas,
Para o tempo, a Vida, abriu-se o céu;
Nada existia a não ser tu e eu,
Num êxtase de sonho e nostalgia.*

Como este amor satisfaz a sua

...alma louca, insaciável

De ternura, carinho e lealdade,

O seu espiritualismo platónico, o prazer de amar
em silêncio, contemplativamente:

*Que tudo para nós se perca e afaste,
E nem o desprender da flor da haste
Interrompa o silêncio entre nós dois...*

O seu amor pede vida simples:

A nossa casa é sempre linda e boa

E' sempre a nossa casa, o nosso lar.

Ou

*Ter uma casa pequena
A' beira de água poisada,
—Levar a vida serena
Da gente pobre e honrada.*

—Possuir o teu amor

—Ajudar-te em teu labor

—E ter-te só para mim.

A pobre alma, sincera, confiante, entrega-se plenamente ao Ideal, ao Amado:

*Criou-me Deus talvez para rainha
E eu quis antes ser a tua escrava.*

Ou

E tu és muito mais...és meu senhor!

Ou

*E eu, humilde escrava, que fazia
Cumprirem-se os desejos do "senhor"*

Ou

*Poeta, sonhador-enamorado,
Espiritualmente serei tua...*

Ou

Sinto que ainda hoje és o meu dono.



Assim, confiante, com a força do amor, ela sente-se audaz, perde a timidez:

*Esconder meu amor! Porque razão?
Se ele é a minha força espiritual.*

*Mas que importa o falar rude e banal
Dessa gente sem fé nem coração?*

Mas tudo se desmorona. A exégese dos versos de Dulce de Montalvo não mostra, senão muito confusamente, como foi o desabar do belo Castelo de Ilusões que o seu

... coração grande demais

Para albergar a pequenez do mundo,

construira, architectando um futuro pleno de Ventura e de Felicidade:

*Dei-te o melhor lugar dentro do Peilo.
Mas um dia, não sei porque razão
Despedaçou-se o veu dessa ilusão...*

A culpa, ao que parece, foi dele. Todavia, pode historiar-se este desfecho. Há, primeiramente, uma premonição, um pressentimento de Dulce de Montalvo:

*Pobre de mim, que tão cedo olvidava
Que tua sina nunca fora a minha.*

Ou

*Chamo-te amigo, Amor, porque pressinto
Que Deus não me criou para teu par.*

Mas, a Poetisa vencera o pressentimento e, confiadamente, entregara o seu coração. Porém, nos seus versos, há um tema de afastamento e separação que se me afigura como o aviso de cautela do seu sub-consciente:

Digo-te adeus...

*Que vale para nós uma viagem
Se contigo minha alma vai partir?*

Separados?—não creias...

*Só está longe quem não tem amor
Quem não tem fé nos corações leais.*

Ou

Eu espero por ti p'ra caminhar

Ou

*A distância não é nada
Para aqueles que se adoram.
Longe vivem, longe moram
Com a alma apaixonada*



... Apesar do afastamento.

Basta amar com devoção

Pra evitar o esquecimento.

Qualquer coisa se passou, no entanto. Quando voltam a encontrar-se:

Procuro nos teus olhos esse amor

Que me juraste outrora dedicar

E vejo-os frios...

Teus olhos fogem lestos dos meus olhos.

Porque não compreendeu a alma de Dulce de Montalvo, nem soube apreciar os infinitos tesouros de puro amor que ela lhe consagrava, ele depreciou-a:

Era volúvel, já, no teu dizer,

Depois, ele acaba e Dulce queixa-se:

Deixaste de escrever. Tudo acabou.

O nosso amor foi sonho de ilusão.

Enquanto, porém, ambos se amavam e, ainda, de novo se podiam restabelecer os laços de amor que os uniam, entram em cena sentimentos de duro orgulho. Nenhum quer ceder, nenhum cedeu, naquele último encontro:

Guardamos igual dor no coração.

Eu choro teu olhar, que me enganou

E tu o meu orgulho sem razão.

Não soube perdoar, nem tu pedir,

Apartamo-nos tristes, a sorrir

Numa indif'rença louca e mentirosa.

Morreu o nosso amor...

Depois, toda uma vida de desespero, destroçada, cheia dos míseros redos do sonho lindo, afluência de sentimentos contraditórios: altivez e desdém, submissão e esperança; despeito e resignação:

O que sinto por ti? Tédio, desdém...

Mas

Posso voltar de novo a ter-te amor.

Ou

E' verdade chorei, mas não por ti,

Pelas ridentes ilusões de outrora

e pela minha vida destroçada.

/restos





Qu

*Despedacei ha pouco a minha lira
Que cantava o amor que por ti tinha.*

Ou

Tua imagem renasce, toma vulto

De longe dizes tu em voz sumida:

—Que fui eu? — Uma página já lida

Por tua mocidade radiosa...

Ou

*Deixa partir o amor, deixa-o partir
Como partem no outono as andorinhas.*

*E que a Resignação venha fulgir
No acolhedor lugar onde o mantinhas.*

A resignação e o esquecimento serão o balsamo da grande dor da sua alma:

*Bem sei que doi, que custa a abandonar
Um grande amor, uma ilusão ridente,
Mas podes crer que toda, toda a gente,
Tem o dom de esquecer e de olvidar.*

Tudo passa e esquece nesta vida.

E, ainda, a resignação que lhe dita:

Os versos pobrezinhos que aqui deixo,

*São ilusões da minha mocidade,
Que tiveram a dor como desfecho.*

A saudade pungente alanceia-a. Durar-lhe-á sempre, na sua vida, infelizmente curta. Mas a resignação domina-a e ela pode comparar-se ao vaso que se fende, no excelente soneto *Vaso partido*, que é autobiográfico:

*Partiu-se e ninguém deu pela ferida...
Assim também há tanta, tanta vida,
Que um coração amado magoou!...*

*E que feliz, aos olhos de quem passa,
Esconde a sua dor, sua desgraça
E bendiz inda a mão que a destroçou!...*

Surge, depois, como natural desfecho de todo este amor e, talvez, como vaticínio do seu futuro, o tema da Morte. Não era novo; em vários poemas como

A Minha Casa, Mortua, Via Dolorosa, A



Vida, a morte aparece como o fim natural duma vida feliz. Mas, agora, a ideia da Morte aparece como a grande aspiração de tranquilidade e paz, porque, diz a Poetisa

'stou cansada da vida...

Ou

Sou como um rio

Soturno e frio

Entre verdura;

Meu ideal

Só é real

Na sepultura.

Ou

...horas amenas

Em que penso na Morte, sem terror,...

A amargura, o desespero, a esperança da morte, no entanto, não a levam até aos últimos lances: Dulce de Montalvo tem, perante os olhos, acima de tudo, a imagem da Divindade:

Numa hora destas, hora amargurada,

Ergueu-se a Cruz na terra escravizada,

E o Salvador morreu no Santo Lenho...

Ou

Abençoada a fé na Eternidade

Que aperfeiçoa a alma na bondade...

Ou

A vida é o próprio Deus que nos criou,

E o grandioso prólogo da Morte.

Há, aqui, o começo duma evolução, a mesma que levou Antero do Quental a depor na mão de Deus o seu coração, e a descer a escada estreita do Palácio Encantado da Ilusão. Dulce de Montalvo deu os primeiros passos, mas a caravela dos seus sonhos ia partir...e, assim, em 14 de Maio de 1938, rendeu a sua alma ao Criador.

Cabe, agora, perguntar: até que ponto é que a actividade mental, de feição estética, de Dulce de Montalvo, se baseou na realidade e até que ponto se baseou na Imaginação?

Este seu amor, todo o sofrimento dele dimanado, que Dulce de Montalvo soube transformar em emoção que desperta piedade, que a sensibiliza—até que ponto foi real?

Onde é que começa a laboração estética com base na fantasia duma pujante imaginação sonhadora e criadora de Beleza?

Dulce de Montalvo soube descobrir uma fonte de





Beleza nos recônditos do seu espírito, e soube transmiti-la na forma Poética. Que porção de vida real e de ilusão sonhadora se encontram nos seus versos?

Talvez a biografia da ilustre poetisa nos possa esclarecer—como um estudo mais completo, pode esclarecer a evolução do seu sentido místico, os seus encontros com Deus.

Poderemos prosseguir mais além na génese poética de Dulce de Montalvo?

Cremos que sim.

A sua vocação nasceu do amor:

Sou poetisa desde aquele dia

Em que tu, com sorriso sedutor,

Me pediste...

Para te dedicar versos de amor.

Ser poetisa—herança torturante—

Que me legou, em tempo já distante,

Um grande amor da minha mocidade.

Mas o amor acabou:

Despedacei há pouco a minha lira

Que cantava o amor que por ti tinha

e, libertando-se dos doces laços do amor, nega ao Bem Amado o direito aos versos que lhe fez:

Os versos que te fiz, já não são teus.

Perdes-te a regalia de os guardar

Porque acabou aquele doido amar

Que me fez adorar-te como um Deus

Queima meus versos...

Mas, a vocação que surgiu não pode ser sufocada: Tem que desenvolver-se e florescer. Dulce de Montalvo continuará poetisa. Não cantará seu amor, mas seus restantes sentimentos:

Os versos pobrezinhos que aqui deixo,

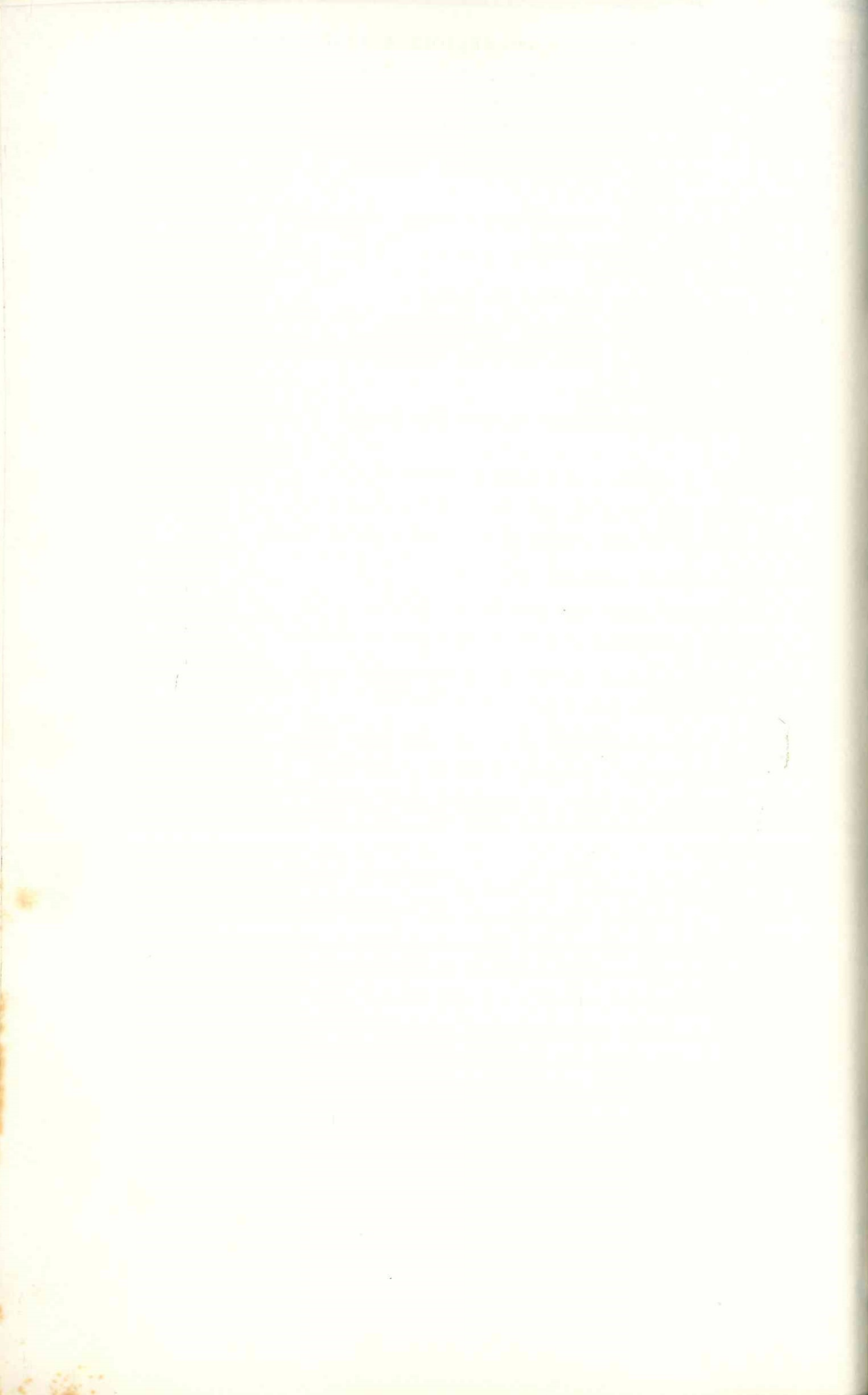
Em cadências de altíssima verdade,

São ilusões da minha mocidade.

São tormentos crueis de que me queixo

São vibrações da vida que me invade

São soluços, são ais, são expansões...



Mas, se a vocação nasceu do amor e este foi a motivação, qual foi o embrião estético que germinou com o motivo-amor e deu origem a toda essa obra de Beleza que Dulce de Montalvo nos legou?

Creio que o método das *palavras-chaves* nos esclarecerá.

Entendo por *palavras chaves* as que balisam o caminho dum poeta, esmaltam o seu trabalho, traem as suas mais íntimas preocupações, denunciando as impressões ou imagens que mais o sensibilizaram, impressões ou imagens estáveis, resistentes ao assalto do tempo e que, como expressão, são força autónoma, independentes da vontade do poeta e ultrapassando-a, mesmo.

Uma leitura atenta revela-nos que as palavras-chaves da obra de Dulce de Montalvo são *Ideal, Pobreza, Mãos, Rainha, Princesa* a que deve juntar-se a palavra *castelã* do soneto *Sombra do Passado*.

De resto, é fácil reconstituir-se a imagem fundamental, de sonho e beleza, que foi o germen de toda a vocação poética—e da personalidade—de Dulce de Montalvo: Dulce sonhava com a Idade-Média, de feudalismo e cavalaria, em que ela seria castelã, princeza, rainha, com formosíssimas e fidalgas mãos, que esperava a vinda do Príncipe Encantado. Este surgia sob a forma dum menestrel, dum trovador, por amor do qual ela se transformaria em humilde pastora, vivendo pobre de bens terrenos, mas rica de amor.

O nome de Dulce, do seu pseudónimo, é, todo ele, evocativo da Idade-Média.

Era esta, a meu ver, a concepção de vida, architectada no mais íntimo sonho de Dulce de Montalvo.

Que novela teria ela lido; que lhe inspirou este sonho?

* * *

D. Maria do Carmo de Lima Bandeira Ferreira, sob o pseudónimo de *Dulce de Montalvo*, foi uma criadora de Beleza.

Deu esplendor à expressão de sentimentos, nomeadamente de nobres sentimentos amorosos.

Alma reservada, pouco comunicativa, tímida, inquieta, ansiosa, angustiada de profunda introvertida, sonhou um elevado ideal e procurou transplantá-lo para a vida real, concretizando-o num caso de apaixonado amor.

Criadora de Beleza, soube descrever os sentimentos que todos temos, dum modo como ninguém o disse.

E' nome que não deve esquecer-se. E as melhores maneiras de o relembrar são dar o seu nome ao Jardim do Kiosque, de Barcelos, como alvitrou «O BARCELENSE» e ler-lhe, meditar-lhe, decorar-lhe os versos.

Fernando Falcão Machado





biblioteca
municipal
barcelos



13636

Duas palavras sobre a poetisa
Dulce de Montalvo

(1
8
M